

O trabalho de "Zomola" analisado pelo público

"Quinita" vista por alunos de teatro

N. 25/2/85

Antes de ponderar «QUINITA», levada à cena pelo jovem colectivo ZOMOLA, temos que reconhecer o mérito que este colectivo teve, de levar à plateia uma peça de teatro. Conseguiram através desta arte de representar, transmitir a sua grande mensagem, que é problema vigente no nosso País.

O teatro, como todas artes (e isto é visível na arte), exige grande sensibilidade humana, naturalidade nos problemas expostos ao público. Exige também um aprofundamento do problema, do conflito.

Em «QUINITA», isso é brando.

Os intérpretes, não conseguem dar naturalidade ao problema, ou melhor aos factos. A incoerência nos movimentos (atenção, o movimento é importantíssimo no teatro), a excessiva gesticulação, o tom declamatório, são uns dos problemas vigentes na peça «QUINITA». Isto é derivado de vários problemas que este nascente agrupamento tem ainda, problemas que não se resolvem num instante, tais como a falta de experiência teatral e de uma direcção capaz.

Em quase todos os intervenientes nota-se a actuação mecânica e, em alguns, a inclinação melodramática.

Vejamos o comportamento de alguns intérpretes:

FELISMINA ARMANDO (a Quinita) — Esta jovem tem alguns predicados que podem fazer dela uma boa actriz (a destreza por exemplo). Foi um pouco melodramática (especialmente nas fases em que ela tem que chorar). Não é notória a interiorização do seu papel, consequência (uma das consequências) da fraca direcção. Comportou-se razoavelmente.

ANTÓNIO VAZ (o Fabito) — O encenador e dramaturgo. Teve uma presença assinalável. A falta duma direcção capaz (ele é director, e isto é difícil) fez com que não conseguisse corrigir alguns erros, tais como a gesticulação incoerente e pouca naturalidade no seu comportamento. As vezes ridicularizou o seu papel, fazendo contraste com o seu carácter.

ESMERALDA CABRAL (Catarina) Teve uma fraca actuação, declarando, quase totalmente o seu papel. Gestos incoerentes, sem nenhuma razão de serem feitos, supérfluos, mancharam a sua actuação.

MARTINHO VAZ (Romão) — Outra presença assinalável. O exagero dos seus gestos tirou a naturalidade do que dizia, fazendo com que o público descreditasse no seu palavreado. É muito desinibido.

PAULO — assumiu cabalmente a sua missão, foi o mais natural, fazendo-nos acreditar que era Italiano. Conseguiu uma boa actuação, embora, seja curto o seu papel.

Os restantes foram razoáveis.

Voltando à peça na sua globalidade: são notórios em alguns momentos, sintomas de plágio da «XILUVA».

O jogo entre a luminotecnia e a encenação foi muito fraco: des-

coordenação na entrada dos personagens, produto da fraca preparação dos homens das luzes.

Os intérpretes pecaram nos diálogos (para os espectadores que estavam acomodados nas traseiras, as palavras chegavam desconexas, adulteradas). Isso indicamos que estes jovens, necessitam de muito treino de voz (portanto, projecção de voz), e dicção.

Antes de terminar, uma notinha: a megalomania pode destruir o génio criador destes jovens, suas nobres ideias, etc...

Que sejam humildes, pensem no futuro com seriedade, no que há por fazer neste caminho longo e difícil que é o teatro. Não estão realizados, como querem dar a entender na apresentação final.

Aqui termina a minha palavrinha.

Nelson Saúte

(Aluno de teatro na Rádio Moçambique)